

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Projeto Mulheres Transformam promove autonomia financeira e combate à violência

Com a meta de capacitar 500 mulheres em 2026, iniciativa do Instituto Vakinha alia fomento ao empreendedorismo feminino.

Agnês Noll
agnes@jcrs.com.br

“Quando você coloca comida na mesa de uma mulher, você coloca comida na mesa de uma família”. A frase foi dita pela diretora-executiva no Instituto Vakinha, Renata Fehlauer, que acompanha de perto a realidade das periferias gaúchas e resume a filosofia por trás do projeto Mulheres Transformam, o principal programa social do Instituto Vakinha.

Criado em 2023 com o objetivo de fomentar a autonomia feminina em cenários de extrema vulnerabilidade, o projeto chega à sua quarta edição em 2026 com uma meta: estender a mão para 500 mulheres, transformando dor em protagonismo e dependência em liberdade.

O Instituto Vakinha nasceu em 2020 como o braço social da famosa plataforma de financiamento coletivo (hoje a maior

da América Latina). Após demonstrar uma força gigantesca de mobilização social, como na arrecadação de mais de R\$ 80 milhões para os atingidos pelas enchentes de 2024 no Rio Grande do Sul, a instituição percebeu que os impactos das crises climáticas e sociais deixam cicatrizes profundas e permanentes, especialmente nas mulheres.

Em 2025, o projeto acolheu moradoras de regiões fortemente castigadas, como o arquipélago das Ilhas de Porto Alegre, a Vila Costaneira em Eldorado do Sul e o 4º Distrito. Para 2026, além de manter o foco nessas comunidades, o programa expande suas fronteiras para o Vale do Taquari, região que segue sofrendo com as persistentes cheias.

Para esse público, composto por mulheres em situação de pobreza, vulnerabilidade social e muitas vezes vítimas de violência, o caminho para assistir a uma aula é repleto de barreiras invisíveis. É aí que o projeto se diferencia. “Muitas vezes elas recebem a capacitação, mas não conseguem ir porque não tem dinheiro para pagar o ônibus, ou não tem

ninguém para deixar o filho”, comenta Renata.

Para quebrar esse ciclo, o Mulheres Transformam oferece transporte, alimentação, recreação para os filhos e um capital semente de R\$ 1 mil para cada participante iniciar seu negócio. São cinco dias de imersão presencial e mais 90 dias de mentoria remota, com a chancela metodológica do Senac.

No entanto, ao entregar o capital semente nas edições anteriores, a equipe se deparou com uma realidade perturbadora: muitas mulheres diziam que não podiam receber o dinheiro sem autorização do marido ou que sequer tinham direito a uma conta bancária. “Na nossa visão, é justamente a dependência financeira que as mantém em vários violentos.” A constatação da violência patrimonial, somada aos índices alarmantes de feminicídio no Estado, fez o projeto evoluir.

Em 2026, em parceria com o Ministério Público do Rio Grande do Sul e sob a supervisão da promotoria especializada, as alunas dedicam um dia inteiro ao letramento jurídico, identificação de abusos e fortalecimento da autoestima. Capacidade de empreender e conhecimento dos direitos andam juntos para formar um escudo intransponível contra a violência.

Mais do que um projeto de capacitação, o Mulheres Transformam é um chamado urgente à responsabilidade coletiva. Renata lembra que, embora os holofotes da mídia muitas vezes se apaguem e as pautas políticas mudem de direção, a realidade cruel do feminicídio e da violência de gênero não tira férias. O problema segue latente, silencioso e vigente.

O apelo de Renata ecoa como um alerta necessário, direcionado especialmente ao



INSTITUTO VAKINHA/DIVULGAÇÃO/JC

Iniciativa surgiu em 2020 como braço do Instituto Vakinha

empresariado e à sociedade civil: a urgência não passou. “Que a sociedade civil não esqueça que essa temática segue vigen-

te e que, quando a gente fortalece mulheres, a gente também fortalece comunidades”, pontua a diretora.

Ateliê Libélula Azul é reflexo do impacto do programa social

A história de Tatiana Freitas é o retrato vivo de um recomeço costurado à mão. Formada em Arquitetura, ela dedicou dez anos de sua vida para estudar e estruturar o próprio escritório. Viu o fruto de seu esforço prosperar até que em maio de 2024, a água da pior enchente da história do Rio Grande do Sul invadiu seu espaço, levando embora computadores, papéis, móveis e sonhos. “A enchente levou tudo embora”,

recorda. Tatiana perdeu a estabilidade e passou a viver de favor.

O pós-enchente trouxe um novo desafio: sua filha mais nova recebeu o diagnóstico de autismo. O cuidado com as terapias diárias e a necessidade de estar presente em tempo integral inviabilizaram a retomada de uma carreira tradicional na arquitetura. Separada e chefe de família, ela precisava se reinventar para sustentar o lar sozi-

nha. A resposta veio por meio do artesanato e da encadernação artística, mas faltavam recursos para dar o primeiro passo.

Foi quando uma amiga indicou o projeto Mulheres Transformam. Nas salas de aula do programa, apoiada por outras mulheres que também juntavam seus próprios pedaços, ela encontrou o fomento que faltava. “Com esse valor de investimento que a gente recebeu, eu investi

totalmente na compra de equipamentos básicos e materiais para começar”, conta Tatiana. O suporte técnico e os 90 dias de mentoria foram o combustível para vencer a insegurança: “Isso foi muito importante, me auxiliou, inclusive, a perder o medo de levar a ideia adiante”.

Hoje, Tatiana assina suas criações como uma orgulhosa empreendedora criativa à frente do Ateliê Libélula Azul. Seus cader-

nos artesanais, feitos com cuidado e delicadeza, são vendidos para pessoas físicas e empresas, transformando-se no símbolo físico de sua reconstrução. Muito além do dinheiro, Tatiana descobriu que pontes sólidas são feitas de afeto. “O maior ganho desse programa é a rede de apoio. É ver que muitas mulheres passaram por situação muito parecida com a minha, se não igual, e estão na trilha de se reconstruir.”